

O CORPO E SUAS NARRATIVAS

*Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro
Cristiane Holanda Queiroz*

Ao comentar, em *O Mal-Estar na Civilização* (FREUD, 1930-36/2010), sobre os ideais culturais que os homens atribuíam aos deuses, Freud acaba por chamar a atenção para algo próprio da experiência moderna: o vínculo profícuo entre a ciência e a tecnologia. Tal relação, segundo ele, atenderia às nossas aspirações de onipotência - tendo em vista que a tecnologia aumentava os poderes do homem, transformando-o em um “Deus de prótese” - e estabeleceria a expectativa de um futuro mais promissor, dadas as possibilidades de desenvolvimento que os aparatos tecnológicos certamente sofreriam nas décadas seguintes, “trazendo inimagináveis progressos nesse âmbito da cultura” (FREUD, 1930-36/ 2010, p.52).

Atualmente, para além das próteses destacadas por Freud e adentrando numa ainda discutível “pós-modernidade”, passamos a nos deparar com esses “inimagináveis progressos” a partir da manipulação cada vez mais eficiente do corpo, afetando desde a sua aparência externa até o seu interior microscópico, remetendo-lhe a novas configurações e inaugurando uma noção diferente sobre o que é ser humano.

Para que a ciência e tecnologia – agora entrelaçadas pela tecnociência - possam causar tais mudanças é preciso que aja uma disseminação na cultura do discurso biomédico, difundindo-se não apenas através de trabalhos científicos, que costumam limitar-se aos pesquisadores, mas principalmente por meio da arte e da mídia, permitindo que grandes parcelas da população tenham acesso a uma terminologia antes restrita ao âmbito dos especialistas.

Porém, esse fenômeno não é recente, tal como destacam Ortega e Zorzaneli (2010), quando comentam sobre a descoberta dos raios X e sua rápida inserção na rotina

dos tratamentos médicos, bem como sua difusão pelo imaginário social através de obras como *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, escrita em 1924. Mesmo assim, é fato indiscutível que em nenhuma outra época observou-se uma propagação tão vasta na sociedade daquilo que é próprio ao saber médico, e à sua concepção de vida, e uma influência tão decisiva nas relações que estabelecemos com os outros e com nós mesmos. Tudo isso se confirma, principalmente, através do

uso corrente do vocabulário biológico para descrição de aspectos da identidade e da saúde, tais como infelicidade, sofrimento ou características próprias (“minha taxa de colesterol está alta”, (...) “meu sistema imunológico está em baixa”, “tenho predisposição a certas doenças”, “estou deprimido”). (ORTEGA e ZORZANELLI, 2010, p.74).

Ao se constituir, assim, a identidade por meio de indicativos de estados corporais, firma-se uma cultura que tem a exposição dos desejos mais obscuros do sujeito como um fator essencial de sustentação da existência. Com isto, como bem nos esclarece Costa (2005), há uma perda do aspecto estabilizador que uma identidade mantida na intimidade costumava ter, pois ela só seria revelada pelo sujeito se este assim o quisesse. Desta forma, o “corpo se tornou a vitrine compulsória de nossos vícios e virtudes, permanentemente devassada pelo olhar do outro anônimo” (COSTA, 2005, p.198).

A partir das questões comentadas – especialmente quando afirmamos que as expressões artísticas funcionam como difusoras do discurso médico, pois a arte sempre nos informa o *Zeitgeist* em que foi produzida, e que esse discurso se tornou uma das formas privilegiadas para dizermos como nos sentimos -, tomamos o romance *Inscrito no Corpo*, de Jeanette Winterson, publicado em 1992, como referência capaz de contrapor uma narrativa literária que trata sobre o amor, e suas perdas, ao discurso e às práticas biotecnológicas.

O aspecto da obra de Winterson que nos chama a atenção diz respeito à utilização, pelo narrador do romance (que pode ser um homem ou uma mulher, pois o

gênero não é especificado), de descrições sobre o funcionamento do organismo, tais como se encontram em livros de medicina, a fim de reescrevê-las através de narrativas sobre o corpo da amante perdida, trazendo para o discurso objetivado e distanciado da ciência uma alusão à experiência subjetiva. Assim, o corpo se afasta das determinações fisicalistas para assumir a existência numa linguagem em que apenas o narrador é capaz de lhe atribuir.

Ficam, então, os dois tipos de discursos – o biomédico e o amoroso - expressos no mesmo texto. Quando Winterson destaca a escrita sobre o organismo para a medicina, temos as caracterizações detalhadas de suas várias partes, e de suas inter-relações, na forma como devem se apresentar em um corpo cujo funcionamento é considerado perfeito, um corpo, portanto, idealizado. Já na releitura proposta pelo narrador, encontraremos o encantamento pelo corpo da amada demonstrado por meio de metáforas que revestem elementos físicos como a pele, os ossos, o sangue e as vísceras com uma bela linguagem poética.

Sendo assim, o discurso biomédico, tido como detentor da verdade sobre o sujeito, fica situado como apenas mais uma possibilidade de se falar sobre o corpo, retirando-o, portanto, de uma “naturalidade” que lhe costuma ser pressuposta. Quando subjetivado, o corpo torna-se o palco de infindáveis escritas, falas e toques que o marcam e o definem desde sempre. E estes deslocamentos sobre o corpo é que possibilitam ao sujeito elaborar, na linguagem, um texto que será permanentemente reescrito por ele, compondo uma estilização da vida que encontra respaldo, indubitavelmente, no saber psicanalítico.

Entretanto, é preciso salientar que o sujeito do desejo, o sujeito tal como constituído pela psicanálise, vem sendo minimizado diante das bioidentidades que estão se estruturando em função dessa permanente centralização naquilo que concerne ao

corpo, promovendo a formação de novos sofrimentos psíquicos e de novas formas de se experienciarem as contingências que arrebatam a nossa existência.

Questiona-se, pois, qual será a posição do psicanalista diante desses sujeitos contemporâneos imersos na chamada cultura somática? Que novos problemas estão sendo suscitados?

Para Kristeva (2002), se o analista não é capaz de perceber, em seu consultório, novas formas de adoecimento, ele não está realmente escutando aquele sujeito que lhe fala, sujeito este que, muitas vezes, não consegue realmente dizer algo sobre si mesmo, não consegue *dizer-se*.

E é a partir de tal constatação que podemos compreender a afirmação de Costa (2009) a respeito do surgimento de casos clínicos cujo tratamento apenas pela via da palavra se mostra insuficiente. Assim, práticas como a ioga e a acupuntura, por exemplo, podem tornar-se complementos relevantes para lidar com conflitos que afetam a corporeidade. Porém, segundo ele, “[e]ssa idéia ainda não é unânime entre os psicanalistas. (...) no entanto, (...) é uma idéia frutífera (...)”. (COSTA, 2009, p.43).

Por fim, concordamos com Lebrun quando este chama a atenção, no Prefácio de *O Homem sem Gravidade* (MELMAN, 2003), para necessidade cada vez mais premente de se estimularem reflexões sobre os fenômenos que vêm se apresentando, a fim de podermos nos interrogar, também, “sobre a subjetividade e sobre o futuro psíquico do homem contemporâneo” (p.13), pois é justamente com esse homem que os psicanalistas irão se deparar em seus consultórios. Porém, não se pode perder de vista algo fundamental que deverá perpassar todas essas questões que surgem na clínica e nas produções teóricas que daí irão advir, que é a compreensão de que a “subjetividade, como a vida, não tolera predicados definitivos” (COSTA, 2005, p.201).

BIBLIOGRAFIA

COSTA, J.F. A personalidade somática de nosso tempo. In: _____. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 185-202.

_____. O Corpo é o maestro In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Ano 4, n. 40, p. 38-43, jan. 2009. Disponível em: <<http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/>> Acesso em: 20 dez. 2010.

FREUD, S. O mal-estar na civilização In: **Obras Completas, vol.18. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KRISTEVA, Julia. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade – gozar a qualquer preço; entrevistas por Jean-Pierre Lebrun**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

WINTERSON, J. **Inscrito no corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

SOBRE AS AUTORAS:

Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro - Doutora em Saúde Coletiva do IMS pela UERJ. Professora do Curso de Mestrado e de Doutorado em Psicologia da UNIFOR. Coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social (LEIPCS) e membro do Grupo de Trabalho Dispositivos Clínicos em Saúde Mental da ANPEPP.

Cristiane Holanda Queiroz - Mestre em Psicologia pela UNIFOR. Membro do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social (LEIPCS). Psicóloga clínica.